

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

ALINE DA SILVA MÜLLICH

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR, NA CONSTRUÇÃO PSÍQUICA DO SER.

**SÃO LEOPOLDO
2017**

ALINE DA SILVA MÜLLICH

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR, NA CONSTRUÇÃO PSÍQUICA DO SER.

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em educação infantil apresentado como requisito parcial para obtenção do título em especialista em educação infantil, pelo Curso de especialização em educação infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador(a): Prof(a) Ms. Bianca Sordi Stock.

São Leopoldo

2017

...brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar um cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade.

Humberto R. Maturana & Geda Verden-Zoller, 2004.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. A importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança – aspectos sociemocionais, cognitivos e motores	9
2. Brincar no contexto escolar – um recorte sobre a relevância da qualidade da interação entre professor- criança no brincar	15
3. Cenas cotidianas da sala de aula – quando a teoria encontra a prática docente	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

INTRODUÇÃO

Relembro o período da infância, dos brinquedos, das brincadeiras e do tempo necessário para criar, imaginar e fantasiar, brincar livre, sem cortes, sem interrupções. Em dias típicos de verão era possível tomar um belo banho de chuva, brincar na lama, apostar corrida com os irmãos e ver quem escorregava mais longe. Os brinquedos e as brincadeiras eram organizadas a partir de elementos da natureza, como por exemplo, toquinhos de madeira, folhas de árvores, água e terra, entre outros. Assim era a maneira encontrada para brincar, criar e construir o faz de conta. O brincar ao ar livre é uma das lembranças mais fantásticas dessa época, capaz de proporcionar o sentimento de liberdade, aventura e felicidade. Nunca frequentei escola de educação infantil, fui direto ao primeiro ano do ensino fundamental, no entanto, acredito que tive uma infância suficientemente boa, que desenvolveu em mim a capacidade de criar, imaginar e fantasiar.

A partir destas lembranças, penso e reflito sobre as oportunidades que são oferecidas às crianças, especialmente as que frequentam a educação infantil, para que possam explorar o potencial criativo em meio aos objetivos pedagógicos propostos durante o período escolar. À medida em que a criança cresce, ou começa a frequentar a escola, outras pessoas passam a fazer parte da sua vida, proporcionando novas experiências. O adulto cumpre a função de diversificar e mediar situações a fim de que esses fatores oportunizem o pleno desenvolvimento do sujeito.

A mediação efetiva deve prover a superação de desafios e aprimorar habilidades, ampliar os limites das experiências das crianças, proporcionando brincadeiras e brinquedos adequados a faixa etária dos mesmos, pois trabalhar com crianças é uma experiência desafiadora e instigante. Frente a isso, esse trabalho se propõe a discutir a relação do brincar com o ambiente escolar, suas complexidades, considerando que esse brincar não seja visto apenas como passa tempo, ou perda de tempo, mas sim, como um aliado ao desenvolvimento psíquico, cognitivo e motor.

Para essa reflexão, problematizei, especialmente, os autores estudados no percurso da Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Entre eles, trago Winnicott, Vigotski, Barbosa, Horn, Redin e Freire.

1. A importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança – aspectos sociemocionais, cognitivos e motores.

O ato de brincar e da brincadeira podem ser vistos como uma ação cultural necessária para a construção do conhecimento de mundo na constituição da vida subjetiva, relacional e cognitiva das crianças. Conforme o ECA (1990), o brincar é um direito de todas as criança e, uma vez que isso for negligenciado, não existe a possibilidade de socialização, pertencimento ao grupo, trocas, integração, como também não há estímulos de seus potenciais.

Quando uma criança brinca é possível observar e refletir sobre as diferentes formas de expressões, emoções e sentimentos que estão implícitos em seus atos e atitudes, para tanto, estes conceitos podem ser analisados a partir de um olhar sensível sobre os pequenos gestos que consistem em grandes significados. Um dos autores escolhidos para essa pesquisa é o pediatra e psicanalista britânico Donald W. Winnicott, por ser uma referência na teorização do desenvolvimento infantil e da importância do ato de brincar para as crianças.

Para entendermos a importância do brincar, precisamos compreender as fases iniciais do desenvolvimento. A origem do brincar está na relação mãe-bebê, “afinal de contas, ela também já foi um bebê, e traz com ela lembranças de tê-lo sido; tem, igualmente, recordações de que alguém cuidou dela”. WINNICOTT, 1987, p. 04). Suas considerações e conceitos caracterizam a criança recém nascida como um ser indefeso, desintegrado e desorganizado em relação a si e ao meio em que está inserido, contudo, o bebê também traz consigo uma predisposição ao desenvolvimento. A interação entre mãe e bebê é um dos elementos fundamentais para a construção do desenvolvimento emocional e mental da criança.

Para tanto, o papel da mãe nesse período é oferecer um suporte capaz de dar conta das necessidades do seu bebê, sejam elas, físicas, mentais ou emocionais, participando ativamente dessa formação e fornecendo-lhe afeto, amor, acolhimento, contribuindo significativamente para seu amadurecimento.

Conforme Winnicott,

do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e portanto a mãe é, inicialmente, parte dele. Em outras palavras,

há algo, aqui, que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como ser. (WINNICOTT, 1987, p. 09)

O brincar é uma forma de linguagem, que se inicia com os bebês, estas trocas entre adultos-crianças tornam-se essencialmente significativas para o desenvolvimento e aprendizagem. Através do brincar, o bebê se expressa e é capaz de desenvolver habilidades psicomotoras, pode aprender a conhecer, ter experiências com os sentimentos de prazer, alegria, medo, frustração, insegurança, entre outros. Conforme Winnicott (1987), “é fácil perceber que as crianças necessitam de um ambiente firme, onde possam resolver seus conflitos de amor e ódio e suas tendências principais” (p. 08). Com os bebês, o brincar e o brinquedo promovem dimensões interativas expressadas através do olhar, do toque, da voz e das reações explícitas ou implícitas em seu comportamento.

Nesse sentido, o brincar deve acontecer num ambiente estimulante, rico em suas trocas interativas, ou seja, nos momentos de amamentação, aconchego, provendo segurança ao bebê. É preciso apegar-se, construir vínculos, criar um jeito de se relacionar com seus cuidadores de maneira segura e afetiva. O tempo dedicado ao brincar promove o sentimento de segurança e de estar no mundo e ser acolhido por este, ou seja, não existe vida digna sem a construção de vínculos com outros. Segundo o autor, “dizemos que o apoio materno facilita a organização do ego do bebê. Com o tempo, o bebê torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade, e até mesmo de experimentar um sentimento de identidade pessoal” (WINNICOTT, 1987, p.08). Desta forma, Winnicott caracterizou a área entre o bebê e a mãe como espaço potencial, sem limite essencial da existência humana, onde pode-se exercer todo o mundo de projetos e fantasias, dando asas à criatividade.

De acordo com Winnicott (1975), os fenômenos transicionais são extremamente importantes para o desenvolvimento emocional de uma criança, pois pode criar vínculos projetivos com objetos de apego, o que promove a autonomia e independência, ficando assim mais segura perante as suas relações afetivas. Estes objetos pertencem ao domínio da ilusão, imaginação, sustentado por um paradoxo que, ao longo do processo de desenvolvimento da criança deve ser respeitado, pois é algo que está fora do bebê, mas cria a ilusão

de pertencer a ele. Segundo Parreiras (2012), a “capacidade especial e sensível da mãe de efetuar as adaptações às necessidades do bebê: quando ela sustenta a fantasia de que aquilo que ele cria realmente existe é importante para ele” (p. 79). O uso dos objetos transicionais refere-se na vida da criança, ao aprender a brincar, sendo que Winnicott (1975) propõe que “é no brincar e somente no brincar que o indivíduo pode ser criativo. E é sendo criativo que ele encontra seu self” (p.74). Portanto, o brincar se dá no espaço potencial e, é sempre uma experiência criativa, na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver. Winnicott (1975) caracterizava o ser humano com grande potencial criativo de vida. O brincar é uma maneira da criança observar, conhecer e explorar o mundo que a rodeia, além disso, é uma forma de expressão de suas emoções através do jogo simbólico. Winnicott (2008) “a brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. (p. 163)

É fundamental observar e perceber a capacidade criadora das crianças, entendendo o ato de brincar como sendo uma necessidade para o desenvolvimento infantil. O brincar também deve proporcionar a livre escolha da criança, uma vez que, entende que é por meio de escolhas que ela vai exercitar sua capacidade de autonomia. Portanto, na brincadeira tem-se a oportunidade da criança aprender a fazer suas próprias escolhas, a tomar decisões, ser capaz de identificar suas preferências e desgostos. Winnicott (2008), propõe que, “a maioria das pessoas diria que as crianças brincam porque gostam de o fazer, e isso é um fato indiscutível. As crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional” (p. 161). Quanto mais uma criança brinca na infância, com qualidade e quantidade, maiores serão as possibilidades de desenvolvimento das habilidades pessoais, inteligências múltiplas enquanto adultos, ou seja, são competências necessárias ao longo da vida. O brincar pode ser entendido como uma questão relacionada ao desenvolvimento individual como também uma atividade imprevisível, espontânea, uma livre escolha da criança, sem a interferência adulta.

As formas de brincar variam e não são sempre do mesmo modo. Às vezes preferem jogos mais calmos, em outros momentos com gestos amplos e eufóricos, apreciam a companhia dos amigos para acompanhar no pátio ou na sala, até mesmo um cantinho pequeno pode ser o lugar mais aconchegante para dar significado à brincadeira. O jogo e a brincadeira são atividades que fazem parte das relações, com objetivos diferentes, a brincadeira e o jogo são atividades praticadas por adultos e crianças, para o entretenimento, a competição, a disputa e a colaboratividade. A cultura evolui no jogo, sendo este praticado de maneira espontânea e natural, contudo, a cultura é possuidora de um aspecto lúdico, que nasceu da necessidade de jogar do ser humano. Conforme autores

a criança busca alternativas e respostas para as dificuldades e/ou problemas que vão surgindo, seja na dimensão motora, social, afetiva ou cognitiva. É assim que ela testa seus limites e seus medos, é assim que ela satisfaz seus desejos. (ALVES & SOMMERHALDER, 2011, p. 13).

As crianças precisam de ações sistemáticas e continuadas que visam aprimorar conhecimentos, portanto, é considerada como um ser social baseado nos processos de afetividade e emoções. À medida em que a criança sofre alterações fisiológicas, ela revela traços importantes de caráter e personalidade, tais como, alegria, raiva, medo, tristeza, sentimentos que tornam relevantes a forma de relação da criança com o meio.

O desenvolvimento da criança é profundamente influenciado pelo tipo de adulto que a sociedade deseja formar, dependentes do sistema de ideias, da cultura e do contexto social onde ela se desenvolve. A criança reconstrói suas ações e ideias quando se relaciona com novas experiências ambientais, ou seja, o desenvolvimento da inteligência depende fundamentalmente de como cada criança faz suas distinções com a realidade externa, sendo que, é nas soluções dos conflitos que a inteligência evolui, pois o conhecimento se constrói na interação sujeito-meio, sujeito-objeto. Conforme Palangana (1998), “é sabido que todo conhecimento implica, necessariamente, uma relação entre dois polos, isto é, entre sujeito que busca conhecer e o objeto de ser conhecido” (p.70). O desenvolvimento mental se dá espontaneamente, a partir das potencialidades e da interação como o meio.

Conforme Vigotski (1987), as pessoas não nascem como um copo vazio, elas são formadas de acordo com experiências às quais são submetidas. A criança é produto dos estabelecimentos sociais e sistemas educacionais, como família e a igreja, que ajudam a criança a construir seus próprios pensamentos e a descobrir o significado da ação do outro e da sua própria ação. Este entendimento pressupõe um sujeito interativo que organiza seus conhecimentos sobre os objetos num processo mediado pelo outro.

As crianças são motivadas pelo brincar, este que, por vezes, permite à ela cometer erros sem sentir culpa. Assim como, expressar o seu potencial agressivo e destruidor sem de fato agredir ou destruir o outro. Isso é muito satisfatório para a criança. Brincar com um objeto ou pensamento permite às crianças reconhecer aquilo que elas já sabem, aquilo que precisam saber e como podem atingir seus objetivos.

Como educador é preciso inovar constantemente, pesquisar, adaptar, criar, jogos e brincadeiras adequados a todas as faixas etárias. Pesando nessa perspectiva formula-se alguns objetivos que podem ser atingidos neste percurso, como por exemplo, desenvolver o potencial criativo de cada criança, assim como também desenvolver a linguagem oral e escrita, a expressão facial e corporal, o ritmo, a agilidade mental, o equilíbrio, a lateralidade, a concentração, a atenção, o reflexo, a prontidão de recreação e a autonomia. Essas ações contribuem para o desenvolvimento da psicomotricidade, (combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais) que auxiliam no desenvolvimento motor e intelectual facilitando assim, o processo de ensino-aprendizagem.

A motricidade é uma forma de expressão que também possui um caráter pedagógico pela propriedade do gesto e do movimento, para tanto, as instituições precisam ampliar e promover a fluidez das emoções e do pensamento, contribuindo significativamente para o desenvolvimento pleno da pessoa. As crianças precisam experienciar, explorar e investigar os materiais, fazendo o que desejarem com eles. É necessário perceber o brincar como um processo, ou seja, faz parte da vida e se constitui a partir do ambiente, dos materiais, e contextos em que a criança está inserida. No brincar livre, as crianças serão capazes de criar, explorar, enriquecer e manifestar suas

potencialidades de aprendizagens, desfrutando de uma atividade do seu prazer e interesse, que atenda às suas expectativas, por isso é preciso tratar com seriedade e respeito as crianças que brincam.

2. Brincar no contexto escolar– um recorte sobre a relevância da qualidade da interação entre professor- criança no brincar.

A presença de um profissional bem-informado e atualizado sobre a complexidade do brincar é peça fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, no espaço escolar, ou seja, um professor que visa uma prática reflexiva que possibilite maior compreensão acerca do brincar.

O professor pode contribuir para a ampliação das experiências lúdicas das crianças, fornecendo-lhes materiais e ideias, mas sem exageros, uma vez que elas são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, o que lhes proporciona prazer. (ALVES & SOMMERHALDER, 2011, p.14).

À imaginação e a criatividade das crianças não se põe limites, por conseguinte, estes conceitos proporcionam o desenvolvimento das suas capacidades de exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens. Contudo, é preciso aprimorar o olhar enquanto educador, para não perder a conexão com o cotidiano sensível que o brincar pressupõe, a partir das possibilidades de ação e apresentação, em meio a isso é possível perceber o que o sujeito pode expressar, o que está sentindo, o que pensa, o que imagina, o que deseja. O ambiente educativo é imprescindível às experiências infantis, compondo um repertório de relações interpessoais afetivas, cuidado, regras de tolerância, respeito, responsabilidade, sentimento de pertencimento ao grupo promovendo interações e vínculos.

Os adultos cumprem o papel imprescindível na tomada de decisões em relação ao ambiente favorável sobre o tempo, espaço, materiais, grupos e as relações que surgem no decorrer do processo, considerando que neste espaço aconteçam brincadeiras espontâneas e criativas capazes de avançar sobre o desenvolvimento do conhecimento científico, matemático e a resolução de problemas. Pensando sobre essa perspectiva, avalia-se a capacidade proporcionar atividades lúdicas de alta qualidade que satisfaçam as necessidades e interesses de um público diversificado e repleto de singularidades. Conforme Redin (1998), “o profissional da educação infantil

deverá ter um preparo especial, porque para a infância se exige o melhor do que dispomos” (p. 51).

O planejamento é determinante para alcançar os objetivos desejados em relação ao desenvolvimento das potencialidades das crianças, envolvendo um trabalho criativo e dinâmico que é flexível a mudanças de acordo com os avanços obtidos durante o percurso. Um planejamento intenso é ponto de partida para o trabalho pedagógico, capaz de promover o desenvolvimento humano. É preciso considerar as crianças, tendo em vista o que elas já sabem e as interpretações de mundo que elas apresentam. Esse planejamento é uma ação complexa, que envolve vários níveis de reflexão construídas no coletivo, na instituição educativa e democrática de acordo com as características regionais e contextos distintos.

O papel do educador é observar e escutar as pistas que as crianças deixam ao longo do percurso, a criança, oferece alguns pontos de partida, cabe ao educador criar condições e oferecer tempo para que as crianças possam se concentrar e se dedicar integralmente às ações provocadas. As atividades lúdicas devem oportunizar condições adequadas ao desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo, e social, este ambiente deve ser aconchegante, desafiador, rico em oportunidades e experiências que reflitam no crescimento sadio do ser. Assim, conclui-se que

quanto mais o espaço for desafiador e promover atividades conjuntas entre parceiros, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como propulsor de novas e significativas aprendizagens. (BARBOSA & HORN 2008, p.44).

O espaço de uma sala nunca vem pronto, não é uma receita com passo a passo, tampouco um manual de instruções, no entanto, cada espaço tem uma intenção, uma provocativa, pressupõe uma ação a partir daquilo que ele oferece. É preciso que as crianças desfrutem dos espaços da escola, sem muitas restrições, de maneira respeitosa, como brincantes que são, usufruindo não apenas dos materiais ou do físico em si, mas também da sua disponibilidade ao lúdico. Conforme Barbieri

há espaços que fazem com que nos sintamos valorizados e à vontade, onde podemos criar soluções múltiplas para nossas ideias; onde a possibilidade da concretização de um projeto

tenha as adequações necessárias para a materialização de uma ideia. (BARBIERI, 2012, p. 52)

A construção deste espaço é possível quando o adulto não centraliza as atividades, mas permite à criança agir, construir, e desenvolver sua autonomia. Ao planejar as situações de aprendizagem, o educador evoca suas convicções e desejos, trazendo à tona reflexos daquilo que foi sua infância e do seu brincar, tornando sua prática reveladora de sua proposta de trabalho. O educador precisa organizar estratégias com base em provocações ao sujeito, antecipar hipóteses, projetar ações, observar, registrar e avaliar seu trabalho, fortalecendo assim sua atuação profissional. Nesse sentido, “a expressão documentação pedagógica tem sido utilizada para registrar e problematizar essa forma de acompanhar e potencializar o desenvolvimento de um trabalho pedagógico e as aprendizagens das crianças pequenas” (BARBOSA & HORN, 2008, p.94).

Para tanto, é fundamental traçar as oportunidades lúdicas que serão oferecidas, baseando-se nas relações entre os companheiros de brincadeira, oportunizando também a brincadeira em pares, pequenos grupos, sozinhas, e com adultos, contribuindo e ampliando vínculos entre os envolvidos. Estes acontecimentos devem ocorrer tanto em sala de aula, quanto em espaços alternativos que envolvam o brincar de faz-de-conta, brinquedos de construção, materiais de sucatas, entre outros, que despertem o interesse e atenção das crianças. O brincar é uma maneira usada pelas crianças para fazer pesquisa, explorar, e elaborar conceitos rumo à aprendizagem. Neste contexto, o papel do professor é avaliar e registrar o brincar das crianças no atual estágio de desenvolvimento e de seu progresso.

Dessa maneira pode-se compreender o que ocorre no trabalho pedagógico e a atuação do professor pressupõe observação, registro, seguido de uma interpretação criteriosa acerca dos acontecimentos cotidianos em sala. A documentação pedagógica também estimula uma pedagogia reflexiva e democrática, uma vez que, envolve educadores, crianças e suas famílias, a partir disso, é possível questionar, analisar e discutir ações que qualifiquem o trabalho pedagógico. Pois, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2015, p. 58).

A expressividade que o brincar apresenta é fruto de um desenvolvimento sociocultural, ou seja, se aprende socialmente, em contato com a cultura, com o outro, com o professor através dos recursos que ele propõe para tal. Tão importante como apresentar um ambiente instigante à criança é a atitude do adulto em fazer parte desse brincar, sendo coadjuvante, tornando-se um ser brincante, um personagem, interagindo em meio a brincadeira, mantendo uma postura ativa e atenta aos momentos de conflitos e solução de problemas, estimulando a atividade mental, social e psicomotora do grupo. O brincar abrange todo o desenvolvimento de uma criança e se for adequadamente compreendido e oportunizado em episódios lúdicos na escola o brincar pode ser exploratório, livre ou dirigido, desde que em ambos possibilitem à criança a ampliação e revisão de seus conhecimentos entre erros, acertos e tentativas.

3. Cenas cotidianas da sala de aula – quando a teoria encontra a prática docente.

Considerando todos os conceitos citados nessa produção, descrevo algumas cenas cotidianas da sala de aula. Baseando-se na importância e valorização do brincar, afirmando que o sentido da infância está no brincar e suas possibilidades. A partir disso, procuro destacar a minha prática docente com as crianças, sendo essa capaz de promover o brincar e seu significado para o desenvolvimento das potencialidades infantis. A expressividade que o brincar apresenta é fruto de um desenvolvimento sociocultural, ou seja, se aprende socialmente, em contato com a cultura, com o outro, com o professor através dos recursos que ele propõe para tal. Segundo Freire (2015), “quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada” (p.93).

Apresento exemplos analisados a partir do meu trabalho em sala de aula, momentos que considero essenciais em meio a tantos outros tão importantes quanto, mas foco especialmente sobre o “brincar espontâneo” e “direcionado”. Primeiramente caracterizando alguns pontos relacionado ao brincar espontâneo, visto da perspectiva de um professor mediador. Considerando que o brincar espontâneo e o direcionado são fundamentais para construção da interação entre o grupo.

Tendo como premissa de que o brincar não é somente uma atividade livre, mas sim, como um método que auxilia no processo de construção do conhecimento. Na perspectiva do brincar direcionado é possível ampliar intencionalmente o pensamento da criança através de questionamentos e interferências nas discussões, oportunizando a comunicação, buscando alternativas e soluções para as dificuldades percebidas, afim de que seja possível promover uma mente ativa, capaz de adquirir conhecimentos e habilidades relevantes, compreendendo o mundo em que vive. Conforme Winnicott (1975), “aqui nessa área de superposição entre o brincar da criança e

o brincar da outra pessoa, há possibilidades de introduzir enriquecimentos” (p. 74).

O brincar espontâneo corresponde ao interesse das crianças e suas preferências pessoais, organizando espontaneamente seus próprios enredos. Através de um olhar observador e atento, é possível perceber durante as brincadeiras como as crianças dramatizam ações e situações de forma natural a partir de suas vivências. Embora “pessoas responsáveis devem estar disponíveis quando crianças brincam, mas isso não significa que precisem ingressar no brincar das crianças” (WINNICOTT, 1975, p. 75).

Estes fatos acontecem em uma turma de maternal, com faixa etária entre dois e três anos, nesse episódio, algumas crianças escolhem suas bonecas, pegando-as no colo e as levando para o tapete, lá elas as colocam sobre um pequeno berço, parte integrante dos mobiliários dos brinquedos, ouve-se algumas narrativas pelas crianças, de fato elas estão conversando com seus filhos (as), ouve-se de uma das crianças, a seguinte frase: “a mamãe chegou, agora vamos pra casa, tá filha”, ela pega a boneca no colo e caminha pela sala, a partir disso pode-se interpretar o desejo da criança em ter esta mãe de volta, a mãe que precisou se ausentar por algum tempo mas que retornou ao encontro da sua filha, e assim a levará para casa, mantendo a relação afetiva e segura entre ambas. Entre outros momentos essas bonecas precisam de alimento, de um banho, de ter sua fralda trocada, de afeto e atenção.

Logo em seguida, elas me procuram para cuidar da boneca, me explicando o que devo e como devo fazer determinadas ações, “olha profe, ela tá com fome”, então digo: vamos preparar a mamadeira dela, pego a boneca em meus braços e aconchego ela, fazendo de conta que estou alimentando aquele bebê, fico olhando para a boneca e começo a cantar a música do nana neném. Enquanto isso, elas observam a cena com atenção e entusiasmo, pois de fato agora eu estou entrando na brincadeira e interagindo, tornando as narrativas das crianças como minha fala e vice-versa, pois a forma como eu interajo com elas também serve de exemplo e referência para que elas possam agir com as bonecas, assumindo funções de pai, mãe ou cuidadores, que assim transmitem cuidado, afeto, atenção e segurança para criança. Portanto “o lugar em que a

experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto” (WINNICOTT, 1975, p. 1390).

Também é possível perceber a ação das crianças durante o brincar espontâneo, observando que algumas se reúnem em um cantinho da sala com as bonecas no colo, fazendo com que elas adormeçam ou saiam para passear, é visível a concentração e o interesse das crianças em executar essas cenas, mantendo uma postura de proteção e cuidado sobre aquelas bonecas/filhos (as). Segundo Friedmann,

o brincar espontâneo abre a possibilidade de observar e escutar as crianças nas suas linguagens expressivas mais autênticas. Esse brincar incentiva a criatividade e constitui um dos meios essenciais de estimular o desenvolvimento infantil e as diversas aprendizagens (FRIEDMANN, 2012, p. 47).

Como atividade direcionada, destaco as Rodas Cantadas, como prática em sala e seu valor potencial na construção social e cultural das crianças. Contudo, não me refiro a simples formação de uma rodinha no chão sala onde as crianças devam permanecer sentadas para cantar acompanhados de gestos e movimentos mecânicos estereotipados, mas sim, aquelas em que as crianças possam explorar várias possibilidades de movimento corporal de estabelecer contato consigo mesmo e com o outro, sentir-se único e, ao mesmo tempo pertencente ao grupo. Conforme Brito

a canção é um gênero musical que funde música e poesia. Cantando, as crianças imitam o que ouvem, desenvolvendo sua expressão musical, desde que essa atividade seja realizada num ambiente de orientação e estímulo ao canto, à escuta, à interpretação. (BRITO, 2003, p. 93)

O ritmo se apreende por meio do corpo e do movimento, ampliando as possibilidades de expressão corporal, rítmica e musical, além disso equilíbrio, prazer e alegria. Conforme Friedmann, (2012) “as brincadeiras de roda, com as crianças tanto sentadas quanto em pé, dançando, são sempre acompanhadas de músicas, cantigas, poesias. A roda convida a sempre entrar mais um, a partilhar, através do ritmo e do movimento, a alegria de estar juntos.” (p. 74)

Trazendo essa atividade como proposta de trabalho para a sala de aula, proponho as crianças organizar uma rodinha com a turma de mãos dadas, e começamos a cantar algumas músicas, “ciranda cirandinha”, “atirei o pau no gato”, “a canoa virou”, “caranguejo”, “a barata diz que tem”, entre outras, nessa oportunidade convido as crianças para ampliar essa roda cantada com as músicas que eles conhecem e desejam compartilhar com o grupo, neste momento tem-se a riqueza das possibilidades vindas das próprias crianças em seus contextos sociais, a partir disso, é importante compreender e reconhecer as influências culturais que enriquecem seus repertórios lúdicos. Contudo,

cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo. Desse forma desenvolvemos também aspectos da personalidade, como atenção, concentração, cooperação e espírito de coletividade” (BRITO, 2003, p. 93).

O brincar acontece no espaço, nas interações, nas experimentações, nas experiências e nas explorações com o outro, com o mundo. A partir desta trajetória de pesquisa e leituras sobre a importância do brincar, reitero o potencial das propostas lúdicas espontâneas e direcionadas com o intuito de preservar sua cultura e garantir o desenvolvimento integral das crianças.

O brincar é uma característica inerente ao ser humano e, também, possível de ser aprendido nos diferentes contextos multiculturais da vida. As atividades devem contemplar tanto o brincar espontâneo quanto o direcionado, pois eles precisam acontecer nos cotidianos escolares, dentre todos os benefícios que ele traz à infância, é um direito à criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste espaço reflito sobre a importância do curso de Especialização na Educação Infantil e seus reflexos enquanto formação profissional para atuação com crianças em suas infâncias. Minha inquietação enquanto educadora é pensar o brincar como o grande agente de formação social, cognitivo e motor das crianças, promovendo e provocando aprendizagens.

Os caminhos trilhados durante o processo de formação no curso ampliam horizontes acerca do brincar e descontrolam muitos jargões formulados por ideias e concepções que desconsideram a capacidade das crianças em criar e explorar o mundo a partir de suas linguagens. Enquanto profissionais de educação é possível refletir sobre a prática diária e tornar-se sensível e sábio ao responder às necessidades e dificuldades de cada criança em suas ações.

A criança aprende enquanto brinca, a brincadeira é elemento indispensável ao relacionamento social, é através das brincadeiras que a criança consegue ser ela mesma, capaz extravasar suas emoções, além disso estabelecer relações de trocas recíprocas, de interação e socialização com o grupo, a ludicidade é uma necessidade do ser humano, vista com ênfase na infância, sendo que o brincar é fonte fundamental para a construção do ser, não apenas como diversão, mas com a capacidade de desenvolver as potencialidades da criança em sua formação integral.

Afirmo que o brincar é o fator indispensável à construção do ser do seu potencial criativo. Sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Projetos na educação infantil**. Maria Carmem Silveira Barbosa, Maria da Graça Souza Horn (org.). – Porto Alegre: Grupo A, 2008.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** / Stela Barbieri; Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto, Lavrador Alves, organizadora. –São Paulo: Blucher, 2012.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação Infantil**. – São Paulo: Peirópolis, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2012.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som a literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: ed. Rhj, 2012.

PALANGANA, Isilda Campanear. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A Relevância do Social)**. Editora; Summus, 2 edição– 1998.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca!** / Euclides Redin. – Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOMMERHALDER, Aline. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender** / Aline Sommerhalder, Fernando Donizete Alves. -1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2011.

VIGOTSKY, LS. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**/ D. W Winnicott; tradução Álvaro Cabral. -6.ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

WINNICOTT, D. W. **Os Bebês e suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente**.